



Professoras Negras de bairros negros de Natividade–RJ

Márcia Aparecida de Souza^{1*}; Henrique Cunha Júnior²; Lígia Christine P.

Martins³; Cléber Andrade da Silva⁴; Lucas Capita Quarto⁵

¹ Professora- SEEDUC-RJ; ² Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC);

³ Pesquisadora- Psicóloga (UFF); ⁴ Educador em Saúde - PMN-RJ; ⁵ Mestrando em
Cognição e Linguagem

*profmarciasouza2016@gmail.com

Resumo

Forma urbana é um conceito que implica em considerar as particularidades dos grupos sociais na construção material e imaterial da cidade. A forma urbana negra no pós - abolição é o tema central da pesquisa voltada para como as pessoas se instalam no meio urbano e como consideram a sua inserção. Estamos também trabalhando com o conceito de bairros negros que integra as formas urbanas da população negra realizadas no século XX. A educação e os educadores fazem parte das formas de percepção das relações sociais e da construção da forma urbana. Para esse estudo consideramos as visões das educadoras negras, professoras dos bairros negros de Natividade. Utilizando a história oral examinamos as visões dessas professoras sobre a constituição desses bairros e sobre a relação da sociedade local com os bairros e com a população negra. A cidade de Natividade apresenta seis bairros de maioria da população negra e nesses existem professoras negras que expressam o seu entendimento sobre a constituição dessas áreas urbanas. São as expressões de mulheres negras em posições socialmente privilegiadas e versando sobre os modos de vida urbano de uma parcela da população.

Palavras-Chave: Identidade racial. Espaço urbano. Feminismo Negro. Educação.

Introdução

O século XX é considerado o da urbanização e o da industrialização brasileira. Um século que começa com menos de 20% da população vivendo em cidades e que termina com 70% da população nacional como urbana. Nesse processo de urbanização rápida existe o grupo social negro que não apenas se urbaniza, mas faz parte da transição do modo de produção escravista para o do trabalho assalariado e da sociedade competitiva capitalista, pois apesar da ruptura do regime colonial, as relações que se exerciam neste regime ainda se perpetuam nos corpos que sustentam a barbárie que é o capitalismo ao “transformar tudo em mercadoria: corpos, talentos, fé, trabalho, amor, desejos, mulheres” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p.17).

Os modelos de análise social urbana antes de 1990 não reconheciam a existência particular da população negra e inseria este grupo social na população pobre ou na classe trabalhadora. Devido à existência de movimentos negros reivindicando as especificidades da população negra na sociedade capitalista, devido a existência do racismo antinegro como processo de dominação social e em razão das teorias urbanas saírem dos conceitos homogêneos para a explicitação da diversidade é que o conceito de bairro negro e de população afrodescendente



ganhou relevância científica. O conceito de bairros negros procura caracterizar as particularidades dos grupos sociais negros nas produções das urbanizações e dos modos de vida urbanos. Logo, a favela por exemplo, se apresenta assim como um ato de resistência, pois refugia os que ninguém quer por perto e que resistem a uma forma de controle social que os confina geograficamente, mas apesar disso não os paralisa, uma vez que a favela é também lugar de criação, ela é um coletivo de ação. É possível considerar que nesta medida, a favela constitui então uma massa, onde segundo Canetti (1983, apud BENEVIDES; JOSEPHSON, 2007, p.454) “todos despojam de suas diferenças e sentem-se iguais”, há uma multiplicidade nesta massa que pode ser tanto massa de perseguição, quanto de festa, tendo como algumas de suas características a busca pelo crescimento e a igualdade.

Na urbanização das populações negras a educação é considerada como um importante fator de ascensão social. Dentre a população, as professoras negras são consideradas como uma parte do grupo social de destaque e em ascensão social (NOGUEIRA, 2017). Pois este é um ato contra-hegemônico, que diante do “não lugar”, do lugar marginalizado em que a mulher negra é colocada, se potencializa “como mola propulsora de construção de pontes” (RIBEIRO, 2018, p.23) em que assim como aponta Bell Hooks (2013, p. 25), a educação se coloca enquanto “prática de liberdade [que] é uma forma de ensinar que qualquer um pode aprender”, isto porque o ensino libertário alcança a todos, em todas as suas multiplicidades engajando-os a se posicionar ativamente no processo de aprendizagem ao se desprender de uma visão universalista. O estudo das percepções deste extrato da sociedade é significativo para compreensão dos processos de urbanização e de inserção social da população negra. Portanto essa pesquisa tem como um dos enfoques a percepção das professoras negras da cidade de Natividade-RJ sobre a evolução dos bairros negros e da relação desses com a cidade

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica em autores que se dedicam a estudar temáticas relativas à história oral e à afrodescendência. Utilizou-se dessas metodologias visto a afrodescendência ser um método de pesquisa que prioriza a consciência social das pessoas, no caso as professoras, bem como a experiência grupal, historicidade e experiência. E recorreremos à história oral, metodologia que nasce após a segunda guerra mundial e é disseminada com a invenção do gravador, podendo ser definida como a abordagem em que “há um envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando desvendá-lo a partir dos relatos dos sujeitos envolvidos, em complementaridade com o uso de outras fontes escritas, iconográficas, materiais, etc” (DERMANTINI *et al*, 1998 *apud* MEIHY; HOLANDA, 2009, p. 82) pois foram as memórias e narrativas que tornaram possíveis a realização desse estudo. Nesse caso em específico, as entrevistas com as professoras negras que foram alunas e professoras, a maioria moradoras de bairros negros, na cidade de Natividade e distritos. Atentou-se para a escolha de docentes que nasceram em diferentes décadas, dentre as educadoras em questão temos nascida nas décadas de 1930, 1940, 1960 e 1970.

Resultados e discussão

Das décadas de 1920 a 1970 grande número de pessoas oriundas de fazendas, zona rural e até mesmo de outros municípios chegaram à zona urbana da cidade de Natividade-RJ, a maioria à procura de melhores condições de moradia.



Entre esses a população negra que foi dispensada, após a dita abolição e chegada dos imigrantes europeus que vieram para substituir a mão de obra escravizada.

Chegando à área urbana da cidade formaram os bairros negros, ou seja localidades com maioria da população negra. Os primeiros bairros negros que se tem conhecimento na cidade de Natividade são o “Pito” e parte do bairro Liberdade. Mais tarde surgiram os bairros Cantinho do Fiorello, Vila da Paz e Pedro Gomes; E mais recentemente Tubiacanga e Loteamento Ilha.

As professoras entrevistadas para essa pesquisa, algumas são moradoras desses bairros e todas tem conhecimento da situação de vulnerabilidade que houve e há nos citados espaços; Também compreendem as maneiras como a população negra se organiza nesse espaço, fato de grande importância por “nos dar pistas para construir as sagas de ‘uma gente que ri quando deve chorar’, e acima de tudo explícita a luta para melhorar, modificar as condições de vida. Permitindo-nos repensar a falácia de que negro é acomodado” (SOUZA, 2010, p.57)

A entrevistada Sr.^a E. V, 87 anos relata que mesmo tendo concluído o Ensino Médio (Curso Normal) não foi fácil conseguir trabalho como docente em Natividade, visto ser uma época em que havia indicações para esse cargo e eram raras as oportunidades para negros. Só mesmo quando participou de um concurso público e foi aprovada conseguiu vir trabalhar em uma escola de elite no município. Na qual a depoente encontrou uma série de adversidades para exercer a profissão. Inclusive as turmas para as quais ela lecionava eram selecionadas, ela trabalhava com crianças negras, pobres e oriundas dos já citados Morro São Pedro, Liberdade e Pito. E sentiu também o racismo na escola enquanto profissional, visto que sempre havia um impedimento para que ela não assumisse cargos que a desse evidência dentro da escola.

Outra depoente Sr.^a A. J. 76 anos também aponta que até mesmo no dia de sua formatura – conclusão do Ensino Médio Normal – ela foi discriminada por pessoas que assistiam a cerimônia e também só iniciou sua carreira no magistério após ser aprovada em concurso público. Ela trabalhou em escolas de zona rural e quando foi transferida para a parte urbana da cidade já foi indicada para uma escola no bairro Liberdade, na qual estudavam crianças majoritariamente negras do Morro São Pedro e Liberdade.

Não foi tão diferente com a entrevistada A. A, 43 anos. Ela também teve dificuldades em conseguir contratos para trabalhar temporariamente no município. Mas apesar da dificuldade conseguiu alguns contratos no início da carreira. Relata uma experiência inesquecível em uma escola particular, na qual atuou como professora por algum tempo. A. A relata que no primeiro dia de aula, quando estava preparando para receber os alunos teve um caso de uma mãe procurar a direção e orientação pedagógica da escola, pois não acreditava que a professora de seu filho era negra. Temia “complexar” a criança em virtude da etnia da professora. Após concurso público a professora trabalhou em escolas municipais e estaduais e afirma ser pra ela, explícita a diferenciação que muitos fazem entre os discentes e observa que há um tratamento diferenciado entre crianças brancas e negras

A entrevistada C. A, 54 anos aponta que também observa uma diferenciação entre crianças pobres, negras e periféricas mas há uma discriminação com uma nova roupagem, não tão explícita quanto antes.

De acordo com os relatos das professoras observa-se que houve e continua existindo grande preconceito em relação aos discentes oriundos das comunidades periféricas. Parte de alguns relatos das discentes apontam que apesar de termos



avançado em relação a políticas públicas, pois estas são construídas visando uma massificação dos corpos através de uma visão, muitas vezes, universalista, e mesmo amparados pelas leis 10.634/2003 e 11645/2008 continua a discriminação com alunos negros e conseqüentemente, pela falta de oportunidade dos pais, moradores dos mais recentes bairros negros.

As professoras foram unânimes na observação do quanto a educação escolar influenciou de forma positiva sua inserção nos meios sociais, econômicos e culturais, o que as motiva em suas práticas.

Conclusão

Portanto, a pesquisa realizada para investigação da produção de conhecimento por professoras negras aponta a educação escolar inclusiva, em que haja o pertencimento de todos os sujeitos envolvidos, como caminho viável para tornar possível a valorização tanto dos territórios quanto da população negra. Uma vez que através das narrativas destas mulheres é possível perceber a relação entre o saber e o lugar que ele ocupa na relação social. Mas faz-se necessário políticas públicas de reparação, investimento e apoio para essa camada da população. As histórias demonstraram a necessidade de desenvolvimento de práticas educativas antirracistas e de uma educação comprometida que consiga colocar a teoria, no caso as legislações, em prática.

Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019, 128 p.

BENEVIDES Regina; JOSEPHSON, Silvia. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILLELA, A.M.; FERREIRA, A.A.L.; PORTUGAL, F.T. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2007, p. 441-462.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, Jose Carlos Sebe B. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2009.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. O lugar das professoras negras na Universidade Federal de Santa Catarina. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SADER, Ana Paula Cabral; NICOLETE, Jamilly Nicácio; GOMES, Márcio Fernando. As Mulheres e o Direito à Cidade: gênero e espaço público na cidade contemporânea. **Educação em Revista**, Marília, v.20, p. 99-110, 2019, Edição Especial.

SOUZA, Juliana de. **Memórias e histórias negras da cidade de Carapicuíba-SP: uma abordagem para a educação escolar**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Educação. Fortaleza-CE. 2010